

O lugar das ideias na construção da identidade na América Latina e o perigo de uma história única

The place of ideas in the construction of identity in Latin America and the danger of a single story

El lugar de las ideas en la construcción de la identidad en América Latina y el peligro de una sola historia

Maurício Inácio dos Santos¹

Rosária Aparecida Dias Eugênio Resende²

Resumo

O debate sobre as ideias presentes na história da América Latina é de especial relevância na construção identitária de sua memória. Mas questionar se elas estão ou não fora do lugar, torna este debate mais intrigante, ao mesmo tempo em que demonstra a importância que a história intelectual adquiriu no contexto latino-americano, de modo especial no Brasil, que teve sua história marcada por milhares de acontecimentos políticos e econômicos, transformações, construção de identidades, lutas e indefinições. A formação de nossa identidade como povo é perpassada por diversas ideias que tiveram origem na Europa e aqui estruturaram discursos, práticas e representações diversas que estão nas trajetórias individuais e de coletivos inteiros. Daí a importância do debate das ideias neste processo. O objetivo deste texto, de caráter bibliográfico, é discutir o tema proposto, procurando ajustar o foco entre o lugar e não lugar das ideias na história da América Latina e destacar a importância de pensar a história de forma plural, procurando evitar o risco do perigo de uma história única e totalizante, que muitas vezes prevaleceu na história das ideias no continente americano, na medida em que o “eurocentrismo” se afirmou com suas ideias hegemônicas provocando a negação das ideias locais, ao mesmo tempo que provocou um “epistemicídio” em nossa história, à medida que negava ou menosprezava o conhecimento de povos originários e africanos que tiveram suas ideias silenciadas na formação de nosso povo, sempre como algo estranho, menor e sem valor.

Palavras-Chave: Ideias; Lugar; História; Identidade.

Abstract

The debate on the ideas present in the history of Latin America is of special relevance in the identity construction of its memory. But questioning whether or not they are out of place makes this debate more intriguing, while demonstrating the importance that intellectual history has acquired in the Latin American context, especially in Brazil, which had its history marked by thousands. of political and economic events, transformations, construction of

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: mauricio.inacio@estudante.ufjf.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3111-4735>

² Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Barbacena, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: rosaria.resende@uemg.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3577-173X>

identities, struggles and lack of definitions. The formation of our identity as a people is permeated by several ideas that originated in Europe and here structured different discourses, practices and representations that are in the individual trajectories and of entire collectives. Hence the importance of debating ideas in this process. The objective of this bibliographical text is to discuss the proposed theme, trying to adjust the focus between the place and non-place of ideas in the history of Latin America and to highlight the importance of thinking about history in a plural way, trying to avoid the risk of danger. of a unique and totalizing history, which often prevailed in the history of ideas in the American continent, to the extent that “Eurocentrism” asserted itself with its hegemonic ideas, provoking the denial of local ideas, at the same time that it provoked an “epistemicide” in our history, to the extent that it denied or belittled the knowledge of native and African peoples who had their ideas silenced in the formation of our people, always as something strange, minor and worthless.

Keywords: Ideas; Place; History; Identity.

Resumen

El debate sobre las ideas presentes en la historia de América Latina tiene especial relevancia en la construcción identidad de su memoria. Pero cuestionar si están o no fuera de lugar hace más intrigante este debate, al mismo tiempo que demuestra la importancia que ha adquirido la historia intelectual en el contexto latinoamericano, especialmente en Brasil, que tuvo su historia marcada por miles de conflictos políticos y políticos. acontecimientos económicos, transformaciones, construcción de identidades, luchas e incertidumbres. La formación de nuestra identidad como pueblo está permeada por varias ideas que se originaron en Europa y aquí estructuraron diferentes discursos, prácticas y representaciones que están en las trayectorias individuales y de colectivos enteros. De ahí la importancia del debate de ideas en este proceso. El objetivo de este texto bibliográfico es discutir el tema propuesto, tratando de ajustar el enfoque entre el lugar y el no lugar de las ideas en la historia de América Latina y resaltar la importancia de pensar la historia de manera plural, tratando de evitar el riesgo del peligro de una historia única y totalizadora, que muchas veces prevaleció en la historia de las ideas en el continente americano, en la medida en que el “eurocentrismo” se afirmó con sus ideas hegemónicas, provocando la negación de las ideas locales, al mismo tiempo que provocó un “epistemicidio” en nuestra historia, al negar o menospreciar el saber de los pueblos originarios y africanos que tuvieron sus ideas silenciadas en la formación de nuestro pueblo, siempre como algo extraño, menor y sin valor.

Palabras llave: Ideas; Lugar; Historia; Identidad.

Introdução

A história da América Latina é perpassada por diversos “ismos”, como colonialismo, escravismo, liberalismo, capitalismo, socialismo, comunismo, anarquismo, fascismo, imperialismo, entre outros. Estes “ismos” dizem muito do que somos ou de processos históricos que marcaram e marcam nossa história em suas práticas e representações políticas,

econômicas e sociais. Esta história foi, e ainda é, muitas vezes contada a partir destas ideias, de forma hegemônica e única, tendo como pano de fundo, de modo especial, o eurocentrismo, responsável pelo apagamento de diversas vozes e histórias em nosso continente, sobretudo pelo genocídio e epistemicídio que marcaram a vida dos povos originários e depois dos milhares de negros desenraizados da África para serem trazidos como escravos para o continente americano.

A compreensão do significado e valor das ideias que formaram nossa identidade como povo nos coloca em um debate importante sobre o lugar destas ideias na constituição do que somos, de qual é a nossa identidade. Por isso, o debate sobre as ideias presentes na história da América Latina é de grande relevância. Mas questioná-las se estão ou não fora do lugar torna este debate mais intrigante, ao mesmo tempo que demonstra a importância que a história intelectual adquiriu no contexto latino-americano, de modo especial no Brasil, que teve sua história marcada por milhares de acontecimentos políticos e econômicos, transformações, construção de identidades, lutas e indefinições

No conjunto da reflexão, é importante que estas ideias não se reduzam ao perigo de uma história única, mas sejam reflexo das diversas trajetórias históricas de diversos grupos e sejam expressão do encontro e reencontro de culturas e povos. Pensar a história de forma ampla é uma necessidade histórica no contexto das ideias e que permite compreender como a realidade foi constituída ou interpretada.

O objetivo deste estudo é situar o debate sobre as diversas ideias que circularam ou circulam na América Latina estarem fora do lugar ou serem ideias trazidas e “transplantadas” em nossa realidade. Mas, ao mesmo tempo, confrontar com o perigo de uma história única, enviesada e desconectada com a realidade. Visa demonstrar a importância do debate sobre o tema, a necessidade de compreender a influência das ideias na construção de nossa identidade como povo e como os processos políticos e econômicos foram marcados pelo embate destas ideias, à medida que elas foram se acomodando as estruturas vigentes, para justificar ou negar determinada realidade, história ou cultura.

O texto procura discutir o tema proposto, buscando ajustar o foco entre o lugar e não lugar das ideias na história da América Latina e destacar a importância de pensar a história de forma plural, como forma de evitar o risco do perigo de uma história única e totalizante que muitas vezes prevaleceu na história das ideias no continente americano, à medida que o “eurocentrismo” se afirmou com suas ideias hegemônicas provocando a negação das ideias

locais, ao mesmo tempo que provocou um “epistemicídio” em nossa história, à medida que negava ou menosprezava o conhecimento de povos originários e africanos que tiveram suas ideias e vozes silenciadas na formação de nosso povo, sempre como algo estranho, menor e sem valor.

Para compreender e situar o contexto da discussão do tema proposto, partiu-se das contribuições do texto de Elias Palti³. De modo especial, sua contribuição sobre “Os lugares e não lugares das ideias na América Latina”, em que o autor, retoma o debate polêmico de Robert Schwarz⁴, iniciado na década de 1970, na sua obra “As ideias fora do Lugar”. O debate e contraposição das ideias foi destacado a partir da autora Maria Sylvia Carvalho Franco⁵ que, em um paradoxo de reflexão ao pensamento de Schwarz, afirma que “as ideias estão no lugar”.

No contexto da discussão das ideias estarem ou não no lugar e na tentativa de percepção do perigo de uma história única quando se privilegia determinada narrativa ou predominância de concepção de circulação de ideias, foi analisado o texto de Chimamanda Ngozi Adichie⁶, “O perigo de uma história única”, um texto simples e leve, de caráter provocativo, fruto de uma palestra da mesma autora que narra suas experiências e pesquisas, mas que nos leva a pensar como as ideias podem instituir uma visão única e estereotipada da realidade.

Os textos de Ramón Grosfoguel⁷, “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI” e o texto “Estética da falta, processos civilizadores/colonizadores e opressão

³ Cientista político e historiador, Palti é doutor em História pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, e pós-doutor por El Colegio de México e pela Universidade Harvard. É professor na Universidade Nacional de Quilmes e na Universidade de Buenos Aires, além de ter sido professor convidado em diversas universidades da Argentina, de outros países da América Latina e da Europa. Também é pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), na Argentina.

⁴ Graduado em ciências sociais pela USP, fez mestrado em literatura comparada na Universidade de Yale e doutorado na Universidade de Paris III, Sorbonne. Ensinou teoria literária na USP e Unicamp. É autor de dois livros clássicos sobre Machado de Assis: “Ao vencedor as batatas” (1977) e “Um mestre na periferia do capitalismo” (1990).

⁵ Cientista social, professora e colunista, doutorou-se com a tese “Homens Livres na Velha Civilização do Café”, um dos maiores ensaios da história do país. Dirigiu o Departamento de Filosofia da USP onde também foi professora, assim como na Unicamp. É autora também de “Homens Livres na Ordem Escravocrata” e “As ideias estão no lugar”, entre outras obras.

⁶ Chimamanda Ngozi Adichie é uma feminista e escritora nigeriana. Ela é reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso, atraindo uma nova geração de leitores de literatura africana.

⁷ Ramón Grosfoguel é um sociólogo porto-riquenho que pertence ao Grupo de Modernidade / Colonialidade e é professor titular de Estudos Chicanos/Latinos no Departamento de Estudos Étnicos da Universidade da Califórnia, Berkeley.

sócio racial: questões globais para uma história latino-americana”, da Professora Cynthia Greive Veiga⁸, também foram objetos de atenção como forma de intuir até que ponto a afirmação das diversas ideias que fincaram raízes no continente não significou pontos de rupturas na construção de ideias que retratem nossa realidade, sem ideias vindas de fora. Em outras palavras, Grosfoguel e Veiga nos provocam a pensar sobre a negação do pensamento dos povos originários e africanos que foram silenciados em suas ideias e costumes, incorrendo na morte não só de corpos, mas de conhecimentos, culturas e visões de mundo.

O percurso reflexivo deste texto desenvolve uma breve análise do debate entre a percepção se as “ideias estão fora do lugar”, a partir da abordagem de Elias Palti e busca o contraponto, a partir do mesmo autor, considerando o pensamento e a crítica de Maria Sylvia de Carvalho Franco que, ao contrário, defende que as “ideias estão no lugar”. Por fim, a reflexão nos conduz a pensar, no âmbito do debate sobre quais ideias estão ou não fora do lugar ou se estão no lugar, até que ponto estas ideias não provocaram uma sobreposição do pensamento local, ou mesmo uma leitura distorcida da realidade e até mesmo o risco de uma narrativa de uma história única.

O diálogo com os demais autores aparece na identificação dos riscos de apagamentos das questões identitárias e negações do outro quando muitas destas ideias serviram como forma de impor uma visão de mundo e um espectro de ser humano idealizado, provocando o surgimento de estereótipos que se consagraram como referência em costumes e posturas tidas como base de um sociedade a ser seguida como exemplo, ao mesmo tempo que os múltiplos olhares possíveis para um determinado contexto histórico era curvado à imposição de uma história tida como “oficial” e “única”.

Trata-se de um olhar bibliográfico, que procurou unir e perceber as aproximações e distanciamentos dos textos que foram objetos de estudos em dois grupos de estudos diferentes, da disciplina História, Cultura e Poder, do programa de Pós-graduação da USP e do grupo de estudos da disciplina Educação Brasileira: ideias e identidade, do Programa de Pós-Graduação em Doutorado da Universidade Federal de Juiz de Fora, que procurou destacar a construção de ideias que influenciaram no pensar da educação no Brasil.

⁸ É professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais com atividades docentes e de orientação na graduação e na pós graduação. Realiza pesquisas em História da Educação investigando principalmente os seguintes temas: escolarização, disciplinas escolares, educação da infância, professores, relações interétnicas, de gênero e classe social na história da escola.

As ideias “fora do lugar” na América Latina

Partindo do olhar e das ideias de Palti (2020), é preciso pensar sobre o lugar das ideias na construção da identidade da América Latina. O autor busca ampliar a discussão deste tema colocando em destaque a questão dos “lugares e não lugares das ideias na América Latina”, de modo especial fazendo uso da “polêmica” afirmação de Roberto Schwarz a partir de seu texto, “As ideias fora do lugar”, no qual o referido autor deixa a entender que as ideias que circulam na América Latina seriam ideias fora do lugar, pois todas elas seriam “de fora”, importadas e, em alguns casos, impostas ao contexto da história da América.

O pensamento de Roberto Schwarz (2000), “ideias fora do lugar”, está contido no seu livro, “Ao vencedor as Batatas”⁹, especificamente no primeiro capítulo de sua obra e trata-se de um conceito que une crítica literária com a análise de questões das ciências sociais, apontando para a diferença paradoxal que havia entre a sociedade brasileira escravista e as ideias do liberalismo europeu, contexto em que ocorreu a gênese do romance como forma literária no século XIX. O autor procura demonstrar como o descompasso das ideias europeias adotadas no Brasil estava presente nas obras de José de Alencar e Machado de Assis. “Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura”, escreve Schwarz (2000) em um dos ensaios do livro.

O célebre texto “As ideias fora do lugar”, que abre o livro, procura dar conta desse deslocamento, ao defender que, no Brasil do final do século XIX, as ideias provenientes do universo burguês europeu, entre elas o trabalho livre e o progresso, estavam fora de centro em relação ao seu uso na Europa.

⁹ Refletindo sobre as contradições entre ideias liberais e sociedade escravista no Brasil, o autor faz uma análise detalhada de *Senhora*, de José de Alencar, e dos primeiros romances de Machado de Assis. Estes ensaios concisos e brilhantes - entre eles o famoso "As ideias fora do lugar" - se tornaram um paradigma de excelência para a crítica cultural brasileira. A expressão ao “vencedor as batatas” é retirada do romance *Quincas Borba* (1892) onde o personagem principal, Rubião, recebe uma enorme herança e dela vive distribuindo e negociando agrados reais e imaginários. Todo o dinheiro que Rubião herda se esvai – e, junto, sua sanidade. Ele, no entanto, jamais deixa de repetir a máxima “ao vencedor as batatas”, que vai ganhando contornos cada vez mais irônicos, ao longo da narrativa. (Cf. SEREZA, Haroldo Ceravolo. *Ideias de muitos lugares*. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ideias-de-muitos-lugares/>. Acesso em: 18 jun. 2023)

O autor usou pela primeira vez este conceito para traduzir, pela via cultural, os postulados, as ideias da “Teoria da Dependência”, a partir de estudos realizados no “Seminário de Marx”, em 1960, no estado de São Paulo. A referida teoria tinha por objetivo debater as teses dualistas do desenvolvimento capitalistas, que compreendiam as zonas periféricas como meros vestígios pré-capitalistas que tendiam ao desaparecimento. Os defensores da teoria defendiam a existência de uma dinâmica complexa entre “centro” e “periferia”. Esta seria uma recriação do próprio sistema capitalista, determinada não pela origem, mas pela posição no sistema econômico mundial.

Segundo Palti (2020):

Para compreender o sentido do conceito de “ideias fora do lugar”, de Schwarz, é necessário situá-lo no interior do quadro conceitual em que surgiu. Schwarz procurou por meio desse conceito, basicamente traduzir pela via cultural os postulados da chamada “teoria da dependência”, cujo o núcleo foi criado no “Seminário de Marx”, organizado nos anos de 1960 em São Paulo. Como se sabe, esta teoria tinha por intuito debater as teses “dualistas” do desenvolvimento capitalista, que compreendiam as zonas periféricas como meros vestígios pré-capitalistas que historicamente tendiam ao desaparecimento (o que leva a pensar que na região deveria ser reproduzido, pelo menos idealmente, o modelo de desenvolvimento dos países centrais). (PALTI, , 2020, p. 225)

Neste sentido, destaca Palti, se referindo a Schwarz, os paradoxos de contradição da modernização não seria uma “anomalia local”, mas uma contradição do sistema capitalista. O autor, com sua reflexão, permitiu perceber o potencial da Teoria da Dependência, usada no contexto da história da economia local e que poderia ser aplicada a crítica literária e a teoria cultural.

Segundo Palti, o objetivo do autor era refutar a crença nacionalista de que bastaria aos latino-americanos se desprender da “roupagem” estrangeira para encontrar “o verdadeiro interior”. Não se trataria de falar de uma “cultura nacional brasileira” preexistente à cultura ocidental. Ela seria resultado da expansão e parte desta cultura. (PALTI, 2020)

Neste sentido, operaria uma dialética entre o estranho e o próprio, no âmbito cultural, análogo ao político-social. A adoção de conceitos estranhos provoca distorções da realidade. Mas são justamente estas distorções, segundo o autor, que descrevem a realidade latino-americana, e o Brasil especificamente. “Os brasileiros, disse Schwarz, são reconhecidos como tais em suas distorções particulares”. (PALTI, 2020, p. 227)

Os autores ainda destacam que toda a representação da realidade supõe um quadro teórico. Porém, no caso da América Latina, este quadro estaria abastecido por um sistema de

pensamento de origem alheia à realidade nativa. Por isso, a tendência de “cópia” dos latinos, o pensar de maneira equivocada com base em categorias inadequadas à realidade que se busca representar. (PALTI, 2020)

No entanto, para Schwarz, não se trata propriamente de encontrar quais ideias estariam ou não fora do lugar, desajustadas, porque todas estariam, todas seriam importadas, sejam elas as escravocratas, fascistas, marxistas e liberais entre outras. Neste ponto, uma questão de debate se abre a partir da afirmação do autor.

A questão que se coloca é se “As ideias fora do Lugar”, como um conceito interpretativo da construção das ideias na América Latina, não levaria a concluir que toda ideologia seria uma ideia fora do lugar em países periféricos. O próprio autor responde a esta questão afirmando que as ideias estão no lugar quando representam abstrações do que se referem.

O autor ainda afirma que é uma fatalidade nossa dependência cultural, que para interpretar nossa própria realidade, use sistemas conceituais externos de outros processos sociais. Neste sentido, as ideias deixariam de ser fora do lugar quando reconstruídas a partir das contradições locais.

Palti, ressalta que, considerando a afirmação de Schwarz, nem todas as ideias estariam “fora do lugar” na América Latina. Neste sentido, poderiam eventualmente ser rearticuladas a ponto de se tornarem assimiláveis na realidade e a busca e distinção de quais ideias estariam então ajustadas e quais não estariam, acabava por desalinhar o argumento e conceito no pensamento do referido autor. (PALTI, 2020)

Deste modo,

Schwarz deixar entender que nem todas as ideias estão fora do lugar como afirmou na crítica a Romero. Ao contrário, as ideias, assegura o autor, poderiam eventualmente ser rearticuladas de modo a se tornarem assimiláveis pela realidade local [...] O nacionalismo nunca negou a necessidade de “adequar” ideias estranhas a realidade local (PALTI, 2020, p. 233)

De qualquer forma, para além das críticas e limitações, a contribuição de Schwarz, segundo Palti, foi colocar o problema original da discussão: o lugar e não lugar das ideias. Colocar em destaque a importância da discussão do tema para compreender as influências das ideias e dos pensamentos externos em nossa cultura política, social e econômica.

Compreender este “lugar” é olhar de forma crítica e reflexiva para nossa história e perceber os contextos e as influências que impactaram a construção da nossa história. (PALTI, 2020)

No processo de construção da identidade dos povos da América Latina, conhecer o lugar destas ideias, no entanto, representa uma possibilidade de conhecer um pouco mais de nós mesmos. Permite, de alguma forma, ajustar o foco sobre as diversas imagens que foram sendo construídas sobre a nossa história.

O lugar das ideias na América Latina

O contraponto sobre as ideias estarem ou não fora do lugar é discutida por Palti, considerando as argumentações e críticas ao pensamento de Schwarz, realizadas por Maria Sylvia Carvalho Franco (1976), no seu texto, “As ideias estão no lugar”. A autora, estudiosa da ordem escravocrata do Brasil, faz um percurso argumentativo para se contrapor ao pensamento do referido autor, procurando demonstrar as incongruências estabelecidas em seu conceito descritivo do lugar das ideias na América latina.. (PALTI, 2020)

Alinhada aos dependistas¹⁰, defendia que a escravidão não teria sido contraditória ao processo de expansão capitalista e que as ideias liberais não estariam desajustadas no Brasil oitocentista, no século XIX. Nem mais e nem menos estranha, mas parte integrante da realidade complexa da realidade brasileira. O ímpeto do lucro estaria presente nas duas, destaca a autora.

A autora sustenta “que centro e periferia fariam parte do mesmo modo de produção, favorecendo diferentes momentos do processo de constituição e reprodução do capital” (FRANCO, 1976, p. 18), o que reduziria o sentido de pensar o liberalismo como uma ideia fora do lugar no Brasil da maneira como fez o crítico. Portanto seria no mínimo contraditória a afirmação de Schwarz.

Na construção das ideias do século XIX, há uma fusão de ideias burguesas, clientelistas, paternalistas, entre outras. Assim, as ideias jamais estariam “fora do lugar”, mas circulando publicamente e servindo a algum propósito, de modo a criar condições de recepção das ideias externas que aqui se fizeram presentes.

¹⁰ Aqueles que eram alinhados a Teoria da Dependência ou Teoria Marxista da Dependência (TMD). Trata-se de formulações teóricas que buscam compreender, sob uma ótica marxista, as relações entre os países centrais e periféricos do sistema capitalista global. (cf. SANTOS, Theotônio dos (2000). A Teoria da Dependência: Balanço e Perspectivas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira)

Segundo Carvalho:

Por meio do conceito “ideias fora do lugar”, Schwarz acabaria, de fato recaindo no dualismo que procurava combater, isto é, o postulado dos “dois Brasis”. Assim ao Brasil “artificial”, das ideias e das políticas liberais se oporia ao Brasil “real” social escravocrata. (PALTI, 2020, p. 228)

A crítica da autora se dirige as afirmações de que as ideias marxistas e outras tantas, seriam importações “exóticas”, “fora da realidade brasileira”, portanto “fora do lugar”. Neste sentido, destaca que a procura de tais ideias estariam ou não fora do lugar ou desajustadas à realidade brasileira era simplesmente inaceitável. (PALTI, 2020)

No entanto, Palti contrapõe a autora ao afirmar que sua crítica é válida, mas que na percepção de Schwarz não se trata de quais ideias estariam ou não desajustadas, porque todas estariam, todas seriam importadas, seja ela escravista, liberal, fascista ou marxista.

Mas é justamente neste ponto que as ideias de Carvalho confrontam a de Schwarz, identificando o ponto cego de sua afirmação, do seu conceito. O fato de jamais ser possível determinar quais ideias estão fora do lugar e quais não estão, a partir de um quadro particular exterior. A crítica de Carvalho se dirige a natureza eminentemente política das atribuições de “alteridade” das ideias. (PALTI, 2020)

A contribuição da autora serviu para manifestar o caráter político das ideias. Neste sentido procurou demonstrar, na sua percepção, de que a fórmula das “ideias fora do lugar”, não conseguiria representar de forma acabada a realidade, seria uma representação simples do conceito.

Sua crítica, no contexto da história das ideias, procurou confrontar Schwarz exatamente na limitação do seu conceito: o fato de jamais ser possível determinar quais ideias estão e quais não estão no lugar. Por isso, procurou retratar o caráter eminentemente político das atribuições de “alteridade das ideias”. (PALTI, 2020)

A importância das ideias na construção da história e o perigo de uma história única

As ideias são fundamentais para a construção da história. A história, como reflexão, é resultado das diversas narrativas, sempre ancoradas nas ideias que influenciaram determinados contextos. O conhecimento e a reflexão destas ideias são essências na compreensão da construção da história.

De certo modo, no conjunto dos argumentos destacados anteriormente, o lugar ou não das ideias em um determinado contexto pode influenciar nas narrativas e interpretações de determinados contextos. Soma-se a esta constatação, o risco de uma narrativa única, enviesada e estereotipada dos grupos e suas práticas sociais e culturais.

Assim, a discussão sobre o lugar das ideias ou o seu não lugar no contexto da história do continente americano nos leva a pensar na influência das ideias que foram impostas ao longo dos tempos. Aqui se propõe a pensar no aspecto da negação de uma ideia genuinamente do lugar, frente à postura de tomar como verdade ou parâmetro de compreensão das relações entre os grupos, uma verdade que vem de fora, sempre tendo como base as ideias europeias ocidentais.

A interposição das ideias sobre outras pode caracterizar o centralismo do conhecimento de um determinado grupo. Este fato marcou significativamente a história da América, marcada pela imposição das ideias europeias, cristãs, ocidentalizadas tendo como consequência a dominação cultural dos povos deste continente.

O privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticas do conhecimento tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo. (GROSFOGUEL, 2016, p. 25)

As ideias que aqui circularam e circulam serviram e servem para compreender como a realidade foi constituída e sobre a qual as relações de poder se manifestaram. A sobreposição das ideias eurocêntricas produziu em diversos momentos da história a desconstrução do outro.

Segundo Grosfoguel:

A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo as mulheres ocidentais) tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. (GROSFOGUEL, 2016, p. 26)

Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais têm gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que reagem o sistema-mundo (GROSFOGUEL, 2016).

Neste ponto, a discussão sobre o lugar e não lugar das ideias ganha ainda mais relevância, pois nos alerta quanto ao perigo de uma ideia única, produtora de uma história única. Adiche (2019) autora do texto “O perigo de uma história única” destaca a tensão e a

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.1, n.7, e-724, 2023.

crítica em relação ao não-lugar que ocupa determinadas sociedades, relacionadas aos países do terceiro mundo. As influências das ideias de fora acabam por se tornarem subalternizadas histórico-socialmente a partir de uma narrativa oficial, que circula de maneira hegemônica em espaços deferentes do conhecimento.

Adiche (2019) também destaca que esta versão “superior” presente nas sociedades colonizadas não condiz com a realidade do seu lugar e provoca episódios de violências físicas e epistêmicas, convertendo-se em racismos e xenofobias. Neste sentido, pode-se falar de uma afetação no auto reconhecimento e empoderamento de identidades e raízes culturais dessas comunidades (GROSFOGUEL, 2016).

O debate das ideias coloca a necessidade de se ampliar as análises, pois é perceptível a necessidade de se aprofundar as investigações que problematizam e confrontam a representação única, para que possamos romper com a visão etnocêntrica que em geral se classifica como eurocêntrica, branca, cristianocêntrica, heteronormativa e patriarcal. (VEIGA, 2022)

Dessa forma, estaremos expandindo a concepção de que somos diversos e plurais, pois contextualizando para a nossa realidade brasileira, nesse território é muito comum ainda se deparar com discursos que reduzem a representação estereotipada de algumas etnias. No caso dos povos indígenas, perpetuam a imagem dessa comunidade como pessoas não habituadas ao trabalho, inferiores culturalmente e socialmente, assim como o histórico apagamento que sofreram na formação da sociedade brasileira, de acordo com os discursos oficiais. De maneira semelhante, os afrodescendentes sofrem com reflexos do período colonial, seguem marginalizados, menosprezados e subalternizados. Contudo, mantém-se a hegemonia das heranças europeias, revelando a desigualdade que existe nesse país. (VEIGA, 2022)

Nesse sentido, a formulação de padrões a respeito do outro está relacionada às ideias formuladas e repetidas em diferentes lugares, uma vez que “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 22). Outro ponto importante das ideias e narrativa é a relação entre a história única, o poder e os muitos estereótipos como consequência da influência do poderio econômico e político de uma nação em relação à outra, “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (ADICHIE, 2019, p. 23). A questão do lugar ou não das ideias na América Latina e no Brasil, põe em questão a reflexão de uma história única.

Nessa perspectiva, muitos intelectuais questionam a autenticidade do que se propaga em discursos políticos e meios de comunicação, especialmente os pós-colonialistas. Ressaltando que o saldo de tal influência é o estabelecimento de representações únicas, simplificações, reduções e instauração de visões preconceituosas no que tange a nações culturalmente valiosas e diversificadas.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019, p. 32).

Enfim, as reflexões de debates dos diversos autores destacados apontam para um importante exercício crítico sobre a influência das ideias na construção identitária, os distintos lados da história, lados que contrapõem a existência de uma única representação e um único discurso considerados por determinados setores sociais como oficiais. Lembra a importância de se ampliar as percepções sobre representações concretas de algumas realidades que não refletem a sua pluralidade e identidade.

Consideração final

Toda reflexão é sempre uma tentativa de compreender um determinado tema, acrescentar novos olhares, abrir-se a questionamentos e novas possibilidades de entendimentos, ler, reler e jamais ter pretensão de ser uma palavra final. Sobre o lugar e não lugar das ideias na construção da memória e identidade dos povos na América Latina ainda requer muitas discussões.

A intenção deste texto foi unir, nesta incursão teórica, uma destas discussões possíveis, a partir dos debates de grupos de estudos diferentes que, apesar das fontes e textos também serem diversificados, encontram um ponto de tangência, de como as ideias que chegaram no contexto latino-americano e influenciaram na visão e construção da sociedade. As diversas ideias “trazidas” para América foram forjando sua história, uma forja que por vezes atropelou a realidade local e impôs determinadas formas de compreender nossa realidade histórica.

O debate sobre quais ideias estão ou não no lugar em nossa história se apresenta como uma discussão que carece de muitas outras questões que não foram abordadas neste texto. No

entanto, está claro que o debate é importante no contexto da história social, cultural e intelectual.

O diálogo entre história Social, cultural e intelectual cresceu nos últimos tempos, destacando a relação importantíssima que existe entre o mundo social, as produções culturais, a produção e circulação de ideias, sejam ideias autóctones, do lugar ou de fora, de autores renomados e mesmo de intelectuais e tradições desconhecidas. Neste sentido a discussão sobre as ideias fora do lugar ou das ideias que estão no lugar sevem para compreender a construção de nossa identidade.

Roberto Swcharz discute as distorções sofridas pelas ideias europeias no contexto brasileiro. Uma das formulações mais atacadas, e mal compreendidas, da crítica da cultura brasileira é a das "ideias fora do lugar". A preocupação com tal processo está presente em diferentes âmbitos da vida brasileira; da literatura à economia, passando pela política. Por trás dela, se encontra a aspiração de se superar definitivamente a situação de subordinação colonial, estabelecendo-se um quadro de maior autonomia, identificado com a Nação.

Para além do debate sobre quais ideias estão ou não fora do lugar, é preciso também pensar até que ponto estas ideias, de alguma forma, acabaram sobrepondo as culturas e identidades locais, silenciando ou mesmo negando formas de pensar, conhecimentos e visões de mundo, ao influenciar a economia, a sociedade e cultura como um todo. Quanto ao resultado, a própria história é testemunha, a um só tempo homicídio e epistemicídio registaram suas marcas, sucumbiram-se os conhecimentos e contribuições essenciais para compreensão de nós mesmos.

A busca por quais ideias estão ou não fora do lugar deve servir para o reencontro com nossa identidade, permitir compreender que as ideias circulam e é resultado de processos históricos. Ao mesmo tempo reforçam a importância da história intelectual.

Por outro lado, a história única emerge dos contextos onde uma ideia quer se impor como única percepção da realidade, ignorando ou silenciando as vozes de diversos grupos locais. De qualquer forma, as diversas ideias que circularam e circulam no contexto da América é resultado de um mundo que não tem fronteiras, sobretudo quando tratamos da circulação de ideias.

Cabe compreender que, ao chegar aqui, por diversos caminhos e grupos, independentemente da origem, elas fincaram raízes em nossa história, influenciaram diversos

aspectos, criaram ideologias, deram voz a determinados seguimentos em detrimentos de outros, provocaram resistências e de alguma forma encontraram seu lugar.

Porém, o encontro com a nossa identidade carece de múltiplos olhares, a começar pelo resgate das ideias e contribuições dos povos originários e africanos. Todos “ismos” deixaram suas marcas. Compreender a nós mesmos é também compreender estas ideias que foram relidas e adaptadas à realidade local, se ajustando de algum modo ao tempo e ao lugar.

Assim, a discussão permanece aberta, tanto quanto o desejo e a necessidade de compreender quais ideias estão no lugar ou não e principalmente a busca de superação de uma história única.

Referências

CARVALHO FRANCO, M. S. de. **As ideias estão em seu lugar**. Cadernos de Debate, nº 1. 1976.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. In: Sociedade & Estado, vol. 31, nº 1. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), janeiro a abril de 2016, pp. 25-49. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078/5454>. Acesso em: 16 de dezembro de 2023.

PALTÍ, Elias. **O tempo da política: o século XIX reconsiderado**. Belo Horizonte, Autêntica, 2020; pp. 9-47 e pp. 223-265.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SANTOS, Theotônio dos (2000). **A Teoria da Dependência: Balanço e Perspectivas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. Ideias de muitos lugares. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ideias-de-muitos-lugares/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

VEIGA, Cynthia Greive. “**Estética da falta**”, **processos civilizadores/colonizadores e opressão sócio racial: questões globais para uma história latino-americana**. IN: VEIGA, Cynthia Greive. **Subalternidade e opressão sócio racial: questões para a historiografia da educação latino-americana**. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

Recebido: junho/2023.

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.1, n.7, e-724, 2023.

Publicado: dezembro/2023.